

3 FIGUEIRA NA INTERNET E A UTOPIA DE UMA CIDADE DIGITAL

Arquitecto Gonçalo
Furtado

Com a criação na Internet de um «site» dedicado à Figueira, a nossa cidade passa a figurar no espaço da «rede das redes», adaptando-se ao paradigma tecno-cultural que vem adjetivando a nossa sociedade como «da informação» e «digital».

Este acontecimento despoleta também um debate acerca da emergência das «cidades digitais» (veja-se o sucesso próximo de «Aveiro-cidade digital») e a necessidade da Figueira não permanecer indiferente a esse desafio, realizando um projecto coerente de «Figueira-cidade digital» com o recurso a uma equipe transdisciplinar qualificada formada por arquitectos, engenheiros, informáticos, mas também por sociólogos e economistas.

Como é sabido as novas tecnologias da informação e comunicação têm um profundo impacto na sociedade contemporânea, originando um modelo social centrado na convergência da informática e das telecomunicações, que (também) a Comunidade Europeia procura implementar.

Foi neste sentido, que as linhas políticas lançadas pelo «Plano Tecnológico Americano» de 1993 despoletaram o percurso seguido pela Europa — desde o

«Relatório Bangeman» até ao «Plano de Actuação para a Sociedade da Informação» na Cimeira de Lisboa. Recordemos também que a recente dismantelação do monopólio das telecomunicações dá início ao lançamento de medidas de implementação-motivação, mas não podemos esquecer que o nosso país encontra-se no grupo de países europeus caracterizado por uma velocidade lenta no que respeita a introdução da «sociedade da informação», possuindo baixa percentagem de terminais por habitante e um acesso dispendioso à Net.

As novas «tecnologias» devem ser entendidas, mais do que meras técnicas, como verdadeiros elementos culturais invasores do quotidiano de uma parcela significativa da população «globalizada». Promovendo novas formas sócio-culturais independentes da distância espaço-temporal.

Tal contexto, como facilmente se depreende, tem um impacto profundo na forma e vida das cidades. De facto, hoje, à diversidade de fenómenos que vinham reconfigurando a cidade na sua condição tendencialmente metropolitana, acresce-se o digital como processo omnipresente. O fluxo das redes digitais participa na estruturação urbana e instaura novos pressupostos (espaço-temporais) de relacionamento territorial, sugerindo à cidade e às formas de vida da realidade urbana marcada pela globalização a denominação de «di-

gital».

A experiência urbana contemporânea tende a ficar caracterizada por uma sobreposição das práticas urbanas «clássicas» com as novas formas de vida dinamizadas pelas novas tecnologias e assentes na cultura da informação e da comunicação. Para muitos, a identidade material no «espaço real» coexiste já com relações mediatizadas no «espaço cibernético» (imaterial, informativo e telemático) das infra-estruturas electrónicas e digitais.

Estruturas como as tradicionais cabines telefónicas e caixas bancárias ATM, mas também os centros multimédia, os «cibercafés» e os terminais multimédia, são «interfaces» entre esses dois espaços contíguos. Locais de cruzamento das duas cidades, que se sustentam e reconfiguram mutuamente — a «tradicional» e a «digital» — originando a «E-topia» de que fala William Mitchell.

A nosso ver, a emergência das estruturas denominadas como «cidade digital», que em estreito relacionamento e complementaridade com a «cidade tradicional» sustenta as práticas sociais da sua comunidade, constitui-se como um imperativo da contemporaneidade. Pelo que urge conceber e planejar a «cidade digital», fazendo uso da tradição arquitectónico-urbanística e disciplinas afins em conjunto com os novos tecnólogos, e articular a cidade da Figueira à era digital.